

Material de apoio ao professor

Contextualização da obra



No meio da bicharada

Histórias de bichos do Brasil

Recontadas por
Ricardo Prado

Ilustrações de **Paulo Manzi**

Coordenação pedagógica **Maria José Nóbrega**

Richmond

De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Ricardo Prado, o autor de *No meio da bicharada: histórias de bichos do Brasil*

Filho de um professor de Língua Portuguesa e de uma leitora incansável, Ricardo Prado cresceu entre livros. Assim, lia tudo o que aparecia em sua frente, especialmente as coleções de vida selvagem. Após tomar a decisão de se tornar jornalista, entrou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1981, com 18 anos de idade. Mais tarde tornou-se editor de revistas, trabalhando em títulos como *Capricho*, *Superinteressante*, *Náutica*, *Nova Escola*, *Carta na Escola*, entre outros. Além desse livro, também escreveu a história infantil *Uma cor só minha: o diário de um daltônico* e o romance *A fala do céu*.



© RENATA LOPES COSTA PRADO

A obra

Em *No meio da bicharada: histórias de bichos do Brasil*, Ricardo Prado reconta uma série de narrativas indígenas, transmitidas oralmente desde antes do período da colonização. Ainda que um dos contos do livro narre uma bela lenda que explicaria o surgimento do rio Amazonas, o recorte do autor recai especialmente sobre histórias protagonizadas por animais que falam e se propõem a transmitir uma sabedoria que procura ajudar o ouvinte a lidar com problemas da vida comum, à maneira das fábulas de Esopo e La Fontaine.

Assim, o autor nos conta a rixa gratuita alimentada entre a preguiça e o camaleão, como o jabuti conseguiu vencer a corrida que apostou com o veado, como o bode conseguiu deixar apavorada a onça com quem dividia sua casa, como a mesma onça sentiu-se perturbada pelo canto da araponga e deixou-se levar pela astúcia da cotia, como o gambá arranjou o seu cheiro tão desagradável etc.

Na maior parte dos contos, os animais mais lentos e/ou frágeis acabam por vencer os mais velozes e ferozes – a inteligência e a esperteza são enaltecidas em relação à força bruta. Os hábitos dos animais da floresta e, especialmente, as relações que estabelecem entre si permitem construir analogias com o comportamento humano, muitas vezes com uma boa dose de humor. O tom é quase sempre muito menos moralista do que o das fábulas que conhecemos.

O livro de Ricardo Prado é uma introdução saborosa ao universo complexo das narrativas indígenas. Diferente-

mente de outros países da América Latina, como o Peru, o México e a Bolívia, em que as tradições dos povos pré-hispânicos mantêm-se vivas e constituem em grande parte a identidade da população local, a maioria dos brasileiros mantêm-se bastante afastada das tradições indígenas.

Comentários sobre a obra

Trata-se de um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 1.100 línguas diferentes, habitavam o território amplo que se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças algumas das narrativas das tradições indígenas é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e a diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.

Quadro-síntese

Gênero: Texto da tradição popular.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, Geografia.

Temas contemporâneos: Vida familiar e social; Diversidade cultural.

Público-alvo: 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental.